

“Não me perguntam nada sobre term sheet”

“Pelo amor de Deus, não me perguntam nada sobre term sheet (texto do acordo com os credores). Eu fiquei sabendo à 1h da madrugada que seria ministro da Fazenda e ainda estou anestesiado”. O apelo foi repetido ontem pelo novo ministro da Economia, quando repórteres insistiam em saber detalhes de como será a política econômica no governo Itamar Franco. “Por favor, me dêem o benefício da surpresa fulminante. Ainda vou ter de tomar pé de tudo. Não tenho resposta para todas as perguntas”.

Foi desse jeito que Gustavo Krause enfrentou batalhões de jornalistas que insistiam em saber se o Governo vai tirar ou não a Embraer do programa de privatização ou se os juros estarão menores na segunda-feira. “É claro que não. As linhas gerais da política econômica não mudam. O único choque foi o meu choque psicológico ao saber de madrugada que seria ministro da economia”.

“Eu não tenho tropa de choque para ocupar em minutos todos os postos do Ministério. Aliás, o Ministério da Economia ainda vai ser desmembrado”, escorregava Krause entre mi-

crofones, gravadores e câmaras de televisão. “Como o senhor vê a reação negativa do mercado? As bolsas caíram, o dólar disparou e a Fiesp está perplexa”, insistiam os repórteres. “Fiz essa ponderação hoje à noite (ontem) ao presidente Itamar. Ele disse que conquistaremos espaço com um trabalho sério”, respondia Gustavo Krause.

O ministro da Economia só se estendia quando o assunto envolvia assuntos estaduais. Com isso, ganhava tempo contra perguntas impertinentes. “Não vou procurar o mercado. Lamento se o mercado está agitado. Quanto mais a gente falar agora, sem que tenhamos discutido tudo em detalhes com o presidente Itamar, mais o mercado se agitará. Temos de falar pouco agora”, recomendava.

Odorico — Durante todo o dia, houve uma insistente caça pela Esplanada dos Ministérios às idéias do novo ministro. Os interessados mais ansiosos eram lobistas de grandes empresas. “Sou parlamentarista de carteirinha”, se definia Krause. E mais: “Sou fascinado pelo poder municipal”, mas logo advertia que isso não significava que lutaria por uma reforma tributária

para beneficiar os municípios. “Tenho idéias próprias sobre a reforma fiscal, mas não quero externá-las. São idéias cristalizadas quando eu estava do lado de lá”, ou seja, no governo de Pernambuco ou na prefeitura de Recife.

Para quem teme algum retrocesso nos projetos de modernização da Economia, em tramitação no Congresso, Gustavo Krause manda um recado: vai lutar por todos eles.

“Temos de colocar em discussão muita coisa neste país, a começar pelo Estado que queremos. No Brasil, o Estado é mínimo para muitos, máximo para pouquíssimos e nenhum para muitos. Gustavo Krause não se inclui ‘entre os estadófilos e nem entre os estatólatras’. Sobre bancos estaduais, ele não poupa críticas. ‘Há um choque cultural entre o que é uma instituição bancária e o estilo de fazer política no Brasil. O banco é uma estrutura que exige profissionalismo, credibilidade, agilidade. E o que é o estilo de fazer política no Brasil? Uma mistura de Pero Vaz de Caminha, o fundador do nepotismo, com a vocação são franciscana, de que é dando que se recebe’”.